

O TÉDIO

mmmourão

O TÉDIO

- Mestre.

Uma doença me consome e me inferniza,
A mocidade e o espírito
Resulta de uma chaga que nunca cicatriza.

Sendo o mais sábio clínico do mundo,
És também filósofo notável,
Do peito humano auscultador profundo,
Curai-me desse mal inexorável

Que me devora o organismo fibra a fibra,
Que me enevoa o cérebro e o condensa.
Eu tenho um coração que já não vibra
Suporto uma cabeça que não pensa.

- O meu amigo tem razão e dessa chaga deveras padece.

Contudo, a enfermidade, esse mal que o devora,
É um produto fatal do século de agora
O tédio é uma terrível e mortal loucura
A treva interior, a grande noite escura.

No entanto um choque, um abalo violento
Pode curá-lo, creia, apenas num momento.

Diga-me: alguma vez amou?

Nunca seu peito sangrou por uma paixão ardente?

Como a água do mar que se agita e encapela

No soturno rumor do vento e da procela!

- Nunca.

- Pois bem, meu caro!

Procure uma agitação constante

Um prazer infindo

Um gozo triunfante.

Já visitou a Grécia, Oriente, Terra Santa?

Essas terras que evocam e encantam!

Apreciou as belezas da cidade eterna?

Que deslumbra e amesquinha a geração moderna!

- Em infinitas orgias passei a mocidade

E viajando pela Terra, vi a humanidade

Como andarilho errante, as mulheres todas

Seus lábios beijei em bacanais e bodas.

Mulher nenhuma eu vi sobre a Terra tamanha

Que para mim não fosse uma visão estranha

Como parti, voltei, sem encontrar alívio

Para esse mal que assim me faz cativo.

- Então, como último recurso te receito o circo.

O famoso palhaço que a cidade encanta

Palmas e aclamações da população arranca
Talvez lhe restitua a gargalhada franca.

- Um farsante assim, tão querido e aclamado
Tem um riso de morte, um riso mascarado
Que encobre a dor sem fim do tédio e do cansaço
Foi lá que percebi meu mestre, “Sou eu esse palhaço.”

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-tedio>